

ARTIGO

ENTRE O CURISMO E O TURISMO:

A CONSTITUIÇÃO DE UM PENSAMENTO MÉDICO-CIENTÍFICO SOBRE AS ÁGUAS TERMAIS NAS ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS PAULISTAS (1930-1940)

DANIELE CRISTINA CARQUEIJEIRO DE MEDEIROS

Doutora em Educação (Unicamp). Professora no Instituto Superior de Educación Física (Isef – UdelaR - Uruguai), Pesquisadora nível 1 Agência Nacional de Investigación e Inovación (ANII – Uruguai)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5493-1618>

CARMEN LÚCIA SOARES

Professora Titular da UNICAMP e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4347-1924>

RESUMO: Serra Negra e Águas de Lindóia foram importantes estâncias hidrominerais paulistas. No período entre 1930 e 1940, foram objeto de intervenção de um pensamento médico-científico que operou conceitos sobre as propriedades curativas das águas e as desenhou como lugares de cura. Autoridades procuravam afastá-las do nascente turismo cujas finalidades, próximas dos divertimentos, não se vinculavam a este ideário. Entre turismo e curismo, esse artigo examina a construção de um pensamento médico-científico sobre águas termais e sua legitimação no campo da saúde. Embora tais estâncias expressassem noções formuladas por este pensamento, é inegável a importância do turismo no seu sucesso.

PALAVRAS-CHAVE: águas termais, estâncias hidrominerais, saberes médico-científicos, história da ciência.

BETWEEN CURING AND TOURISM:

THE CONSTITUTION OF A MEDICAL-SCIENTIFIC THOUGHT ABOUT MINERAL WATERS IN SÃO PAULO'S SPAS (1930-1940)

ABSTRACT: Serra Negra and Águas de Lindóia were important spas in São Paulo state. Between 1930 and 1940, they were the object of intervention of a medical-scientific thought that operated concepts about the healing properties of the waters and designed them as places of cure. Nevertheless, authorities tried to keep them away from nascent tourism, whose purposes, close to entertainment, were not linked to this ideology. Between tourism and curing, this article examines the construction of a medical-scientific thought about mineral waters and its legitimization in the health field. Although such spas expressed notions formulated by this thought, the importance of tourism in their success is undeniable.

KEYWORDS: mineral water, spas, medical knowledge, science history.

Recebido em: 12/07/2022

Aprovado em: 07/11/2022

DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-2767.2022v75p195-220>



Introdução

A mão do homem, com pouco trabalho, transformaria esta região, já per si lindíssima, num recanto pitoresco e confortável, onde mesmo os que não fossem doentes poderiam retemperar as suas energias, desintoxicando o organismo com o uso das águas, respirando o ar puro das regiões montanhosas cobertas de vegetação e gozando, pelo espaço de 20 a 30 dias do clima ameno e seco de Lindóia (CREDÍDIO, 1948, p. 28)

O extrato que inicia essa seção de nosso artigo, que narra as paisagens de Lindóia, traduz uma nova sensibilidade em relação à natureza concebida já como regeneradora e bela, como lugar para se ir. Trata-se aqui de uma inédita percepção acerca de benefícios que poderiam ser usufruídos em meio a uma natureza remodelada pela mão humana que “com pouco trabalho” poderia transformar regiões, talvez, pouco aprazíveis em “recanto pitoresco e confortável” e onde uma população urbana enfraquecida pelas condições de vida e trabalho na cidade poderia “retemperar as suas energias” e desintoxicar o organismo “com o uso das águas, respirando o ar puro”.

O que se poderia denominar de um Brasil urbano no início do século XX e no qual cidades como São Paulo se impunham com seus ritmos e hábitos, constata-se uma exortação a vida ao ar livre e uma valorização da natureza por parte de um pensamento médico-higienista. A natureza e seus elementos e uma vida que dedique mais tempo ao ar livre começam a servir de contraponto aos então denominados males urbanos: habitações precárias, ambientes de trabalho pouco ventilados, aglomerações constantes de pessoas em meio ao lixo de toda ordem. Esse contexto foi determinante para a formulação de uma nova ordem urbana na qual noções e conceitos a respeito de uma natureza que regenera, cura e educa se tornava necessária. Desse modo, elementos da natureza como a água e o ar passaram a ser analisados cientificamente e se tornaram centrais em prescrições para os habitantes das cidades compondo, assim, processos educativos amplos voltados a formação de uma nova sensibilidade, aquela que afasta o medo e compreende a natureza como um lugar para se ir (SOARES, 2016). Conforme analisou Sirost (2009, p. 21):

[...] a sensibilidade à fauna e à flora, a discussão das nomenclaturas naturalistas, a ordenação urbana dos espaços ajardinados e a reforma dos modos de vida pela via higienista mostram bem o lento surgimento de uma nova relação com a natureza [...]. O termo ar livre [não] evoca mais o vazio dos espaços desmedidos de uma natureza transcendente, mas, um espaço aberto fora dos muros da grande cidade num período de intensa urbanização.

Parece evidente que uma natureza curativa e regeneradora, fonte de bem estar e deleite e exortada por um determinado pensamento médico-higienista forjado pela vida urbana, não seria aquela do Brasil rural, configurado por uma natureza rude e selvagem. Médicos como Belisário Penna e Arthur Neiva reiteravam constantemente a necessidade de uma diferenciação entre a natureza desejada pelo pensamento médico-higienista e aquela que se apresentava nos rincões rurais brasileiros (PENNA, 1923, NEIVA, 1927). Não havia fascínio ou tampouco atração por esse mundo de misérias, no qual a uma natureza rústica, sem horizonte, não despertava interesse. Como transformar e superar essa imagem que causava medo e repulsa? Como afirmar a possibilidade de ser a natureza e seus elementos fontes de saúde, divertimento, cura, regeneração? Quais fundamentos deveriam ser trabalhados para a fabricação de outras ideias de natureza, ou, mais especificamente, para a invenção de outra natureza?

Foi no seio de uma elite intelectual e urbana do país que timidamente surgiram ideias de uma natureza inventada pela e para a cidade, transpassada pelas prescrições científicas e fundamentada em modelos europeus (VILLARET, 2005, SIROST, 2009). Central nessa produção de conceitos e noções foi um pensamento médico higienista de corte sanitaria que buscou, apoiado na ciência moderna, educar indivíduos e grupos para novos usos da natureza e seus elementos criando mesmo um ideário de vida ao ar livre (SOARES, 2016). Nesse novo ideário surgem inúmeras prescrições e conselhos em que o corpo é mobilizado para estar em meio a natureza com a indicação de passeios a pé em parques e jardins, à beira de rios ou à beira mar, realização de piqueniques, excursões, banhos de rio e de mar, frequência a estâncias hidrominerais, bem como a afirmação dos benefícios de jogos e esportes realizados ao ar livre (MONTENEGRO, 2020; DALBEN, SOARES, 2021; MEDEIROS, 2021; MUSA, MEDEIROS, SOARES, 2021).

Um quadro de prescrições e conselhos para se usufruir de uma vida ao ar livre com acentuada ênfase em seus benefícios compondo, assim, uma fruição dessa natureza inventada pela cidade, afirma os processos de construção de um pensamento médico-científico sobre as águas termais (QUINTELA, 2004; 2008; LIMA, 2006; MARRICHI, 2009; 2015; FRANCO, 2014; MEDEIROS, 2016, MEDEIROS, SOARES, 2016). Essas novas concepções sobre as águas termais não são exclusividade do novo cenário urbano brasileiro, já que em países como França, Inglaterra e Portugal elas passavam pelo mesmo processo de legitimação desde o século XIX (WEISZ, 1990; 2001; 2002; HASSE, 1999; PORTER, 1990; 1995; QUINTELA, 2004). É esse pensamento que também fundamenta sua legitimação no campo da saúde e a sublinha seus novos usos, transformando cidades dotadas de fontes de águas termais, como Águas de Lindóia e Serra Negra, objeto de análise de nosso artigo, em destinos preferenciais de turistas e curistas, sendo indicadas para o repouso, a cura dos males urbanos e a regeneração dos corpos fatigados.

No Brasil, um percurso em relação ao estudo e análise das águas começou a ser trilhado no século XVIII, quando foram referenciadas as primeiras fontes termais. Para diversos autores, considera-se um marco do termalismo brasileiro o decreto emitido por Dom João VI, em 1818, primeira legislação sobre o uso terapêutico das águas termais. (QUINTELA, 2008; MARRICHI, 2009; FRANCO, 2014; HELLMANN, DRAGO, 2017). A Família Real deu grande sustentação ao termalismo brasileiro, efetuando doações, incentivos e realizando visitas frequentes, corroborando assim com ações em direção à exploração das fontes termais no país (FRANCO, 2014).

Ao longo do século XIX houve uma aproximação das práticas termais às orientações da química e da medicina. Impulsionadas pela Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, elas foram tomadas como objeto de práticas científicas que denunciavam os usos populares, associando-os ao “charlatanismo” (QUINTELA, 2008; HELLMANN, DRAGO, 2017). Entre as décadas de 1830 e 1860 essa aproximação com o pensamento médico-científico foi atestada a partir da defesa de teses sobre a temática, colocando o termalismo como um importante objeto de pesquisa científica no meio acadêmico (FRANCO, 2014).

No Brasil deste período, conforme o amplo estudo de Quintela (2004), as águas termais passaram a ser compreendidas como um medicamento, e

as termas como “farmácias da natureza”, o que permitiria a cura aos diversos males a partir do aval e da certificação da medicina. Neste contexto foram criadas, inclusive, cadeiras específicas de hidrologia nas universidades federais de Minas Gerais e do Rio de Janeiro.

Na segunda metade do século XIX começaram a surgir publicações que demonstravam o caráter científico das análises das águas como resultado de investigações médico-científicas. Esses resultados assinalavam o uso medicinal das águas como potencial fator de desenvolvimento econômico das cidades que as exploravam, como foi o caso de Caldas do Cubatão (hoje conhecida como Caldas da Imperatriz), Poços de Caldas e Caxambu que já se organizavam como estâncias termais na época, e iniciavam seu desenvolvimento econômico pautado na exploração das águas quentes (QUINTELA, 2008).

É notável o lugar ocupado pelo avanço das bases científicas da hidroterapia no século XIX, desenvolvidas por certas camadas da elite médica, tornando seus usos mais generalizados e sobretudo aceitos (WEISZ, 2001). Contudo, constata-se paralelamente a esse avanço e usos terapêuticos, o advento do turismo que, no mesmo período e mais especialmente no século XX, teve considerável expansão.

Conforme os estudos de Marras (2004), o turismo se instituiu como elemento primordial na visitação das estâncias mineiras, ultrapassando sobremaneira as visitas em busca das curas termais. Rapidamente os jogos de azar se tornaram as principais fontes de renda das cidades que se dedicavam a tal empreendimento, e, conseqüentemente, houve uma diminuição no interesse científico pelas águas termais Brasil afora (MARRAS, 2004).

As cidades de Serra Negra e Águas de Lindóia, objetos de nossa análise, não ficaram alheias a este processo. No início do século XX, momento em que se estabeleceram como estâncias hidrominerais, foram tomadas por uma complexa rede de discursos e práticas acerca da utilização de suas águas. Esse artigo examina os processos de legitimação do uso das águas termais atestado pelo conjunto de conhecimentos médicos-científicos desenvolvidos nessas e para essas estâncias. O recorte temporal estabelecido (1930-1940) foi aquele em que tais cidades viveram seu esplendor, seja em relação ao número de visitantes, seja em relação aos resultados das curas ali realizadas, tornando-

as as mais famosas estâncias hidrominerais paulistas do período (MEDEIROS E SOARES, 2016).

Metodologicamente, trata-se aqui de uma pesquisa documental, de cunho historiográfico. As fontes selecionadas para esta pesquisa foram: a) memorialistas e almanaques que narram episódios das cidades estudadas; b) jornais paulistas e propagandas emitidas pelas termas e hotéis cuja função era divulgar as estâncias; c) anais de congressos sobre a temática das águas termais, d) conferências e livros médico-científicos que difundiram as pesquisas a respeito das águas termais; e) legislação paulista que embasou a criação das estâncias hidrominerais ora estudadas. As fontes que abarcam distintas temáticas a respeito das estâncias são constituídas desde a década de 1900, momento em que foram realizadas as primeiras análises químicas das águas, até a década de 1940, período de certo declínio do ideário das curas.

O artigo, assim, persegue os passos e a pluma de diferentes médicos e cientistas que buscaram estabelecer critérios, procedimentos e práticas no interior dessas estâncias com base no pensamento médico-científico do período que se ocupou dessa temática. A própria transformação de tais cidades em estâncias hidrominerais, por meio da promulgação de decretos instituídos em complexo arcabouço legal, demarca as tentativas de legitimá-las como lugares de cura dada a abundância de suas águas termais. A afirmação e legitimação das curas, contudo, é alcançada no período em análise pelo advento e também afirmação do turismo, que insiste em sugerir diversificado conjunto de atividades de divertimento alheias à rígida disciplina das curas.

O artigo busca, por fim, compreender de que forma os conhecimentos científicos acerca das propriedades curativas das águas termais foram incorporados por parte do pensamento médico e serviram como mote de visitação às estâncias aqui estudadas num período em que, ao mesmo tempo, também foram vividas grandes contradições provocadas pelo aumento do turismo e pelo progressivo desinteresse científico pelas águas.

Concebidas para curar: debates e embates acerca das estâncias hidrominerais de Águas de Lindóia e Serra Negra

Figura 1 - Área onde se situa o atual Balneário de Águas de Lindóia (com hotéis ao fundo) [1930-40].



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Águas de Lindóia.

Figura 2 – Praça João Zelante, na região central de Serra Negra (com fonte de águas ao fundo), 1937.



Fonte: Museu de Serra Negra.

Ao mesmo tempo em que o estudo das águas tomava forma e lugar no âmbito da ciência médica brasileira, parte dos médicos não aceitava a validade científica de suas curas, considerando-as puro charlatanismo, ou uma crença própria do saber popular. Porém, muito antes do conhecimento médico ter se voltado às propriedades curativas das águas, boa parte da população já usufruía de seus benefícios.¹ Havia, então, por parte de um setor médico, o interesse em tornar científico o que já se sabia das águas e de seus usos, conferindo-lhes prestígio e aceitação no meio acadêmico. É nesse sentido que as cidades aqui analisadas viveram as ambiguidades e disputas engendradas pelo processo de legitimação científica das propriedades das águas.

De acordo com as anotações de memorialistas, Serra Negra se apresentava, até 1928, como uma cidade dedicada ao cultivo do café, cultura bastante comum naquela região do estado de São Paulo. Entretanto, naquele mesmo ano, Luiz Rielli, proprietário rural, encontrou uma fonte de águas termais que foi rapidamente submetida a análises químicas, e o resultado obtido demonstrou significativa quantidade de elementos radioativos (DALLARI, 1966). Embora esse dado seja tratado como uma “descoberta” pelos memorialistas da cidade, cabe ressaltar que a existência de fontes termais nos terrenos ao redor da cidade já era de conhecimento da população, e até mesmo suas propriedades científicas já haviam sido anunciadas em publicações anteriores à data da descoberta de Rielli (LOMBARDI, 1913).

Esse achado de Rielli tem uma importância que ultrapassa os limites científicos da exploração das águas: ela denota aqui uma relação econômica. De acordo com Weisz (1990) a transformação das águas termais em atividades econômicas centrais nas cidades que possuíam fontes aquáticas foi também o principal formato de desenvolvimento dos spas norte-americanos ao longo dos séculos XIX e XX. No caso de Serra Negra, a exploração comercial das águas numa região majoritariamente agrícola, dominada pela cultura do café, começa a ocorrer paralelamente ao declínio desta última como base econômica:

¹ Podemos retomar aqui as discussões realizadas por Marras (2004) a respeito da estância de Poços de Caldas ou por Quintela (2004) sobre Caldas da Imperatriz. Ambos autores reafirmam a concepção milagrosa atribuída às águas nessas cidades pela população, muito antes da chegada de conhecimentos científicos mais sistematizados.

Antes de 1928, Serra Negra se apresentava como uma cidade relativamente antiga e pouco conhecida. A cultura do café era a sua maior e talvez única fonte de riqueza. Rompendo tremenda crise com a queda vertiginosa dos preços da preciosa rubiácea, os fazendeiros locais sofreram enormes prejuízos. [...]. Temia-se pelo destino de Serra Negra, na iminência de retrogradar seu desenvolvimento. Foi neste cenário de mágoa e desolação, cercado de dúvidas cruéis, que estourou, em 1928, como uma dádiva do céu, a notícia que empolgou a todos, dando conta do descobrimento, pelo Sr. Luiz Rielli, de uma fonte de água fortemente radioativa, em terreno de sua propriedade – a atual fonte Santo Antônio. (DALLARI, 1966, p. 55).

Simultaneamente, em Águas de Lindóia, processos semelhantes ocorriam. O antigo bairro de Serra Negra era considerado, por parte da população local, um lugar reputado pelas qualidades curativas das águas. Atribui-se a essas qualidades a escolha desse local por parte do médico italiano Francisco Tozzi² no ano de 1910 que, ao instalar-se ali, tomou as investigações científicas já existentes sobre as águas e, em seguida, envidou esforços na construção das Termas de Lindóia (CAMPOS E SILVA, 2005).

As descrições precisas resultantes de análises pautadas por métodos científicos acerca das propriedades das águas somente seriam conhecidas no Brasil entre fins do século XIX e início do século XX, muito tempo depois de usos feitos pelas populações locais para a cura de diversas doenças e com resultados sempre muito promissores (QUINTELA, 2004; MARRAS, 2004; MARRICHI, 2009). Em Serra Negra e Lindóia foi apenas no início do século XX que as primeiras análises científicas de suas águas foram realizadas, o que coincidia com a tentativa de explorá-las comercialmente.

Nas Termas de Lindóia, o primeiro exame das águas após a chegada do médico Francisco Tozzi ocorreu em 1915 (A FONTE..., 1915), afirmando serem essas portadoras de propriedades químicas capazes de curar inúmeras doenças. Em 1928, uma nova investigação apontou a presença de 3125,0 Unidades de Mache³ nas fontes locais, o que tornaria as águas de Lindóia as mais radioativas do mundo (MATTOS FILHO, 1928). O número, absurdamente elevado, não foi contestado a princípio, o que fez com que a estância se valesse

² Francisco Tozzi, médico italiano, muda-se para a cidade de Serra Negra em 1901, a fim de clinicar e impulsionado pelo parentesco de um padre local. Em 1909, com os rumores a respeito das curas proporcionadas no “Morro das Águas Quentes”, ele parte com destino ao local a fim de analisar tais águas. (MEDEIROS, 2016).

³ Mache é uma antiga unidade de medida de radioatividade, utilizada para indicar a concentração de radon nas águas.

desses dados para sua promoção, gerando certa agitação na comunidade científica brasileira e internacional⁴ (A SRA. CURIE..., 1926).

Somente em 1936 outra análise foi realizada, desta vez pelo Dr. Salles Teixeira, cujo resultado demonstrou que não havia aquela quantidade tão elevada de radioatividade. Esse novo dado muito contribuiu para desmistificar a ideia então propalada da existência de elevados índices de radioatividade em sua composição. O erro da análise anterior, que por tantos anos beneficiou a estância de Lindóia, foi assim descrito pelo médico Renato Souza Lopes no II Congresso Nacional de Hidro-climatismo:

De mineralização diminuta, são essas águas tão só fracamente thermaes, visto como é insignificante o seu poder radioactivo, muito ao contrário do que propalam os escriptos dos extremados propagandistas destas thermas, que chegaram, sob um errôneo fundamento, a propôr para a pequena Villa de Lindoya a designação de "Radiopolis"! (LOPES, 1943, p. 50)

Na estância de Serra Negra a constatação das curas seguiu procedimento semelhante e ali também se buscou analisar as águas e seus atributos químicos para incentivar a procura pelos curistas. De acordo com o Almanach de Serra Negra, a primeira investigação química sobre essas águas foi realizada em 1903:

Um dos elementos de mais riqueza e de grande futuro do Município são incontestavelmente as fontes thermaes existentes no Bairro da Água Quente, a 3 léguas da cidade. Em novembro de 1903, no Laboratorio Chimico desse Estado, foi feita a analyse da Água Quente (como vulgarmente é conhecida) (LOMBARDI, 1913, p. 77)

As cidades paulistas de Águas de Lindóia e Serra Negra, locais beneficiados pela prodigalidade da natureza, transformaram-se então em objeto do saber científico, protagonizado pelo pensamento médico e rapidamente foram convertidas em "estâncias hidrominerais".⁵ No estado de São Paulo, essa denominação foi criada pelo decreto estadual n.6501, de 19 de

⁴ A propagação dessa informação chamou a atenção até mesmo da comunidade científica internacional. Em 1926, Madame Curie, renomada química ganhadora de Nobel com estudos sobre a radioatividade, foi até o Brasil, interessada em conhecer a estância e desenvolver pesquisas sobre suas águas. (A SRA. CURIE..., 1926)

⁵ É importante ressaltar que o termo estância hidromineral não existia. Ele resultou de uma legislação que entrou em vigor na década de 1930 e que tinha como objetivo regulamentar o aproveitamento das águas de nascentes que possuíam propriedades terapêuticas, além de apontar os requisitos para que a cidade se tornasse uma estância, como a necessidade de hotéis, de cuidados especiais com os locais das nascentes, além de medidas higiênicas e profiláticas.

junho de 1934 (SÃO PAULO, 1934), primeira legislação produzida com a finalidade de legalizar o uso terapêutico das águas e cujo alcance abarcava, também, o aproveitamento das nascentes com virtudes terapêuticas. Serra Negra e Águas de Lindóia atendiam aos requisitos apontados nesse decreto, consolidando sua capacidade terapêutica a partir das primeiras análises empreendidas em suas águas.

Apoiado no decreto que legalizou o uso terapêutico das águas de Águas de Lindóia e Serra Negra, em 1938, surge outro conjunto de leis que transforma as duas cidades em estâncias hidrominerais (SÃO PAULO, 1938). Esse arcabouço legal, amparado nos conhecimentos científicos sobre as águas termais e seus benefícios, expressava políticas de cuidados com a saúde e, ao mesmo tempo, de interesse comercial. As cidades agora denominadas estâncias hidrominerais expressavam transformações profundas, legitimadas pelo poder medicinal das águas conferido pelo Estado. Elas eram, a partir de então, destinadas à cura e à regeneração dos doentes. Essa denominação também agregava investimentos públicos, privados e, ainda, diversos arranjos (médicos, científicos e arquitetônicos) para a manutenção da nova designação à cidade.

De acordo com Weisz (2001) e Quintela (2004), era imperativo, para os médicos que estudavam as águas termais, que os conhecimentos científicos sobre elas fossem disseminados pela comunidade, aumentando, desta forma, o interesse dos demais médicos por tais estudos. Esse era o caso, por exemplo, da crenologia⁶ que buscava, assim, se legitimar no quadro de procedimentos aceitos pela comunidade científica e médica brasileira. Esse intento foi concretizado através da realização de congressos de natureza científica, cuja temática era o estudo das propriedades curativas das águas, seus usos e suas práticas derivadas.

Congressos científicos que debatiam as propriedades das águas termais se multiplicaram entre os anos de 1930 e 1940, não só nestas localidades, mas também em outras regiões brasileiras. Dentre eles, é possível destacar dois congressos sobre hidroclimatismo que foram realizados pelo Touring Club do Brasil, respectivamente em 1937 e 1943, e contaram com

⁶ Um dos ramos da hidrologia, responsável por abranger o estudo e o conhecimento das águas minero medicinais nas suas aplicações práticas, na prevenção e tratamento de várias entidades mórbidas.

inúmeros trabalhos a respeito das águas termais de Lindóia e Serra Negra. Ao sublinharem os benefícios dos usos terapêuticos das águas, os congressistas também alertavam para a necessidade imperiosa de melhorias em sua infraestrutura com a finalidade de alavancar a procura por parte da população a esses locais.

Estudos feitos a respeito de inúmeras estâncias brasileiras e divulgados em eventos no país passaram a contar também com pareceres sobre as duas cidades aqui estudadas. No livro “As Águas Thermaes Brasileiras na Prática da Hydrologia Médica”, do médico Orozimbo Correia Netto, encontram-se inúmeros elogios a Francisco Tozzi, fundador da estância de Águas de Lindóia, pela sua insistência na valorização científica dessas águas. Encontra-se, também, certa exaltação de que essa Lindóia poderia então figurar no rol das estâncias indicadas aos que buscavam as curas (CORREIA NETTO, 1916). Além do médico Correia Neto, o assistente do laboratório central da Produção Mineral vinculado ao Ministério da Agricultura, João Bruno Lobo (1936), contribuiu com a divulgação dos resultados das análises das águas de Lindóia nos congressos científicos mencionados, publicando ainda seus estudos nos anais dos referidos encontros científicos. Também o professor de crenologia da Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, Renato Souza Lopes, incluiu as águas de Lindóia e de Serra Negra em seu livro “Águas Minerais do Brasil” (1935).

Esse movimento de divulgação científica dos conhecimentos sobre as águas termais era um importante ponto para a aceitação desse elemento no rol de indicações terapêuticas brasileiras. De acordo com Weisz (2001), foi com o impulso de uma pequena elite médica francesa que as estâncias daquele país conseguiram lograr sucesso no rol de terapias indicadas, sobrevivendo ao declínio do termalismo no século XX. No Brasil, tais alianças se construía a partir de congressos e eventos científicos que se difundiam no período aqui analisado.

Além da comprovação científica das propriedades das águas, os médicos se imbuíam da responsabilidade de indicar o modo correto de utilizá-las, seja através de banhos, vapores, ou, ainda, de sua ingestão. A temperatura das águas destinada aos banhos, ao lado de sua quantidade, eram itens de prescrição cuidadosa cuja indicação era feita de forma individualizada para cada paciente:

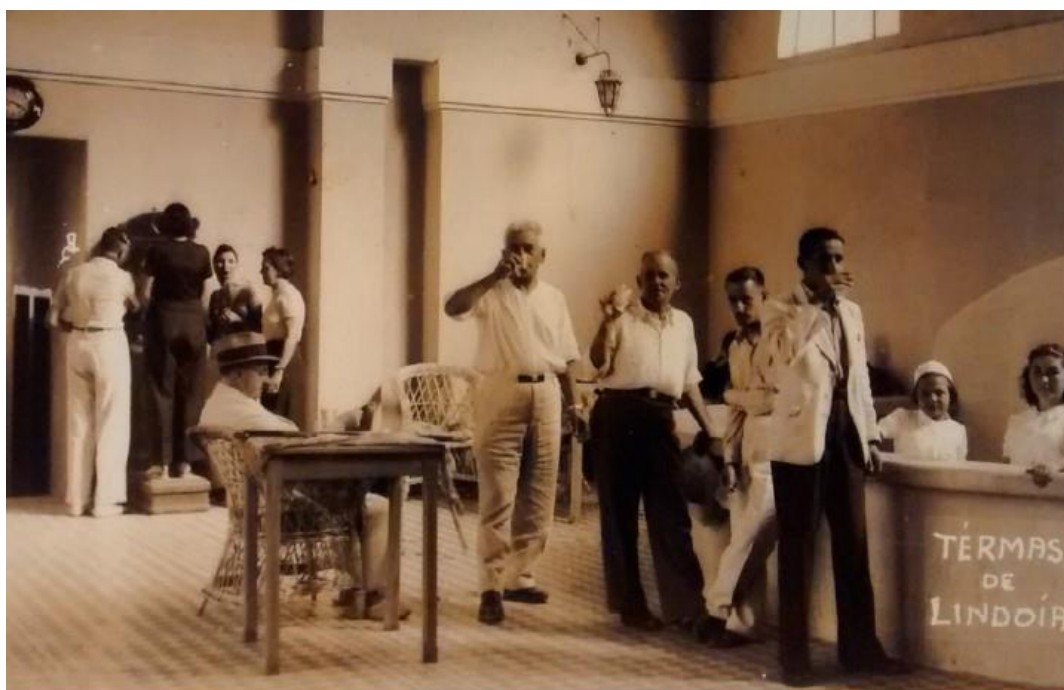
É costume em Lindoia tomarem-se 2 banhos por dia: um de manhã, e outro de tarde. Nem todos os doentes supportam o segundo banho da tarde, de modo que será mais prudente nos casos graves e de reacções circulatórias não bem conhecidas começar-se o tratamento com um banho só, numa temperatura de 33° a 37° (BOURROUL, 1929, p. 19).

Outro item que merecia atenção nas prescrições dos banhos era a sua duração, cuja recomendação era entre cinco a dez minutos, no máximo, tomados duas vezes ao dia. Apenas para os pacientes em estado avançado de tratamento é que os banhos poderiam ser mais prolongados em razão de um maior aproveitamento das propriedades das águas (ALMEIDA, 1943).

Ao lado das detalhadas prescrições dos banhos havia, ainda, a ingestão das águas, prática também rigorosamente detalhada nas quantidades e intervalos de tempo. De acordo com Almeida (1943, p. 38), baseado nas afirmações do médico Belfort Mattos Filho, a ingestão correta das águas deveria ser a seguinte:

As águas podem ser tomadas aos copos e aos goles – 1 copo, isto é, 100 a 200 gramas de $\frac{1}{4}$ em $\frac{1}{4}$ de hora, devendo os aquáticos, durante esta ingestão, andar, fazer passear a água, como dizem os franceses. Durante as refeições os enfermos limitar-se-ão a 1 copo de água.

Figura 3- Pacientes no Salão das Termas de Lindóia [1940]



Fonte: Acervo pessoal Miriam Maria Tozzi.

No II Congresso Nacional de Hidro-climatismo, realizado em 1943, diversas foram as palestras médicas que destacaram as cidades de Águas de Lindóia e Serra Negra, apresentadas sempre como estâncias termais de maior potencial do estado de São Paulo. O potencial, nesse caso, era medido pela capacidade de gerar frequência de novos curistas a partir das propriedades encontradas nas águas, aliadas a outros benefícios presentes nas estâncias. Naquele evento científico, o médico Renato Souza Lopes destacou em sua fala que, embora as águas tivessem capacidade de cura, era necessário equipar as estâncias para o recebimento de hóspedes:

Assignale-se, porém, preliminarmente que, se na medicação hydromineral desempenha papel de relêvo a agua natural prescripta, outros factores devem pesar na sua indicação, tais como a situação geographica da fonte, as condições hygienicas locais, a boa instalação dos estabelecimentos balneários, a existência de hotéis e habitações, que proporcionem sã alimentação e conforto, necessários ao repouso do corpo e do espírito do paciente, afadigado pelas labutas dos grandes centros. (LOPES, 1943, p. 14)

Os eventos de caráter científico protagonizados pelos médicos e voltados à análise das propriedades curativas das águas termais que se multiplicaram entre os anos de 1930 e 1940, contribuíram, também, para dar forma e legitimar transformações arquitetônicas e urbanísticas das cidades.

De acordo com Franco (2014) houve grande interferência dos médicos na disposição, organização e arquitetura dos edifícios termais, em geral desenhados a partir de conhecimentos higiênicos e sanitários. Nestes projetos era emblemático o lugar da natureza que, devidamente conformada pela mão humana, constituía parques, jardins, avenidas e bulevares (HASSE, 1999; QUINTELA, 2004, MEDEIROS E SOARES, 2017). O conjunto arquitetônico construído ao redor das fontes deveria, assim, se fazer em harmonia com essa natureza jardim e, conforme estudos médico-higienistas, teria importância acentuada no tratamento dos pacientes.

As indicações médicas que tomavam para si orientações arquitetônicas e urbanísticas extrapolavam o debate entre especialistas da área da saúde e povoavam a publicidade das estâncias voltadas a atrair o público. Inúmeras descrições de divulgação das estâncias destinadas aos curistas estampavam a miríade de males passíveis de serem curados por aquelas águas. Problemas como o reumatismo, artrite, aterosclerose e

afecções das vias urinárias, estômago, fígado e intestino, eram algumas das doenças cuja cura seria alcançada pelas águas. (LINDOYA, A ESTAÇÃO..., 1935).

Figura 4 - Contracapa do folheto de divulgação das Termas de Lindoya (s/d).

ESTAÇÃO THERMAL DE SERRA NEGRA
 SERRA NEGRA
 SERRA NEGRA
 ESTADO DE S. PAULO
 CAPITANIA ESTRADEADA
 DIA 1.º DE ABRIL
 A 5 HORAS DE SÃO PAULO
 ABERTA TODO o ANNO
 TELEPHONE INTERURBANO - TELEGRAPHO - CORREIO - PHARMACIA - BARBELO - BAZAR - GARAGE
 OFFICINA MECANICA - SAFAARIA - PADARIA - FORÇA E LUZ (Propriedade da Estação)

AGUAS MEDICAMENTOSAS DE LINDOYA

INDICAÇÕES THERAPEUTICAS
 AS
 AGUAS MEDICAMENTOSAS DE LINDOYA
 SÃO
 EFFICACISSIMAS NAS :-

- MOLESTIAS DO APPARELHO GENITO-URINARIO
- MOLESTIAS DO ESTOMAGO E DOS INTESTINOS
- MOLESTIAS DO APPARELHO CIRCULATORIO
- MOLESTIAS DO FIGADO, DA PELLE (ECZEMA), ETC.
- NO RHEUMATISMO ARTICULAR AGUDO
- GOTA, OBESIDADE, DIABETES, ETC., ETC.

CURA E REPOUSO

ANALYSE N.º 1415
 DETERMINAÇÃO DA RADIOACTIVIDADE DA AGUA DE LINDOYA

RESULTADO POR 10 LITROS
 AGUA: 12,7188 microcurios
 31797 unidades Macho

Esta agua é fortissimamente radioactiva. E' a...

Fonte: Acervo pessoal José Paulo de Campos e Silva.

Para além das indicações médicas, das curas e da regeneração do corpo pelas águas, as estâncias termais brasileiras no século XX passaram a acolher, também, o turismo. Sem relação direta com o ideário medico, essa prática começa a ganhar força no período, atendendo a uma demanda por divertimentos e pela busca de ambientes distantes do frenesi das cidades. O sucesso de Poços de Caldas nas primeiras décadas do século XX, especialmente nos anos 1920, serviu de modelo para demonstrar o potencial turístico das estâncias hidrominerais no Brasil (MARRICHI, 2009; 2015, FRANCO, 2014, QUINTELA, 2008). Como as estâncias de Águas de Lindóia e Serra Negra trataram essas novas demandas existentes no período?

Turismo e curismo: as indicações médicas frente aos divertimentos

Francisco Tozzi, médico responsável pela estância de Lindóia, era enfático em afirmar que não pretendia que ela se tornasse uma nova Poços de Caldas. Esta frase se referia ao fato de que Poços de Caldas era conhecida como a “sede social” de cidades que cresciam de maneira acentuada no início do século XX, como São Paulo e Rio de Janeiro (MARRAS, 2004). Tozzi tinha como empenho associar o sucesso de Lindóia à categoria científica e médica. O grande adversário dessa perspectiva era o respaldo para o crescimento do turismo no Brasil⁷, que tinha nas estâncias hidrominerais um dos destinos em meio à natureza que correspondiam aos intuítos de exploração turística das paisagens brasileiras (MEDEIROS, 2016).

Nesse mesmo período, nas estâncias europeias, fenômeno semelhante se passava. Já em fins do século XIX uma aproximação mais nítida entre turismo e estâncias termais se estabeleceu naquele continente. A somatória entre modernos meios de transporte mais acessíveis, o advento das férias pagas, assim como de novos ritmos no mundo do trabalho inseriu as viagens rumo às estâncias termais no cotidiano de parcelas crescentes da população europeia (RAUCH, 1995; RICHEZ E STRAUSS, 1995; HASSE, 1999; QUINTELA, 2008). Esse conjunto de fatores reunido produziu o que ficou conhecido como a idade de ouro da cultura termal da Europa (PORTER, 1995; RICHEZ E STRAUSS, 1995; QUINTELA, 2008).

Entretanto, a difusão das práticas termais, especialmente por meio do turismo, não obteve êxito em todas as estâncias europeias, especialmente ao longo do século XX. Conforme as análises de Weisz (2001, 2002) isso se deu porque muitos países associaram a visitação termal somente ao turismo, e não estabeleceram bases e relações mais amplas com a medicina e a ciência. Alguns países, como França e Portugal, que se empenharam em reafirmar a cientificidade das práticas termais, mantiveram suas estâncias com alta frequência de visitação (WEISZ, 2001; QUINTELA, 2008).

⁷ Na primeira fase do governo de Getúlio Vargas foi criado o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) em 1934, no qual foi incorporada uma divisão de turismo, visando impulsionar as políticas voltadas a esta área no país. Essa divisão tinha a finalidade de fiscalizar os serviços turísticos do Brasil, especialmente no que se referia aos rincões naturais que poderiam ser explorados (SANTOS FILHO, 2008).

Tozzi, ciente das problemáticas que a falta de cientificidade poderia gerar para “sua” estância, reafirmava a necessidade de repouso, tranquilidade e mudanças no cotidiano para o bom aproveitamento das águas. Os estudos produzidos a respeito de Lindóia corroboravam tal visão, retomando sempre que sua principal finalidade era proporcionar as curas através das águas:

Como deverão se processar as correções da fadiga ou da estafa resultantes do trabalho profissional? Evidentemente, afastando as causas produtoras da fadiga ou da estafa: retirando o indivíduo do trabalho, fornecendo-lhe um ambiente de conforto, corrigindo-lhe os desvios funcionais ou orgânicos da economia, restabelecendo-se a harmonia das funções orgânicas pela tonificação e desintoxicação, ocorrendo-se para isto á alimentação sadia, á climoterapia, á balneoterapia, á crenoterapia e á fisioterapia em geral (BRANDÃO, 1937, p. 44)

Logo, era preciso que aqueles que procurassem as cidades termais estivessem dispostos a se afastar dos ritmos e modos de vida urbanos e se dispusessem a usufruir da tranquilidade proporcionada pelas termas e das curas através da crenoterapia⁸. As propagandas de Lindóia e mesmo reportagens a respeito da estância apontavam a calma e a quietude, e procuravam, assim, atrair apenas aqueles que estivessem interessados neste tipo de convívio:

Lindoya distingue-se das outras estações pela quietude, pela calma que alli reina, pela contínua observação médica sob os doentes, não havendo o bulício, a jogatina e, de consequência, a destemperança que acarretam tais inconvenientes á saúde dos que para lá se dirigem, afim de readquirir a saúde perdida, sem ser, assim, um centro de diversões, o que desviaria as Thermas de Lindóia da sua benéfica finalidade, o que parece louvável, pois, afastando-se dessas normas salutaras, se desvirtuaria dos propositos a que foi destinada esta admirável Estancia...(LINDOYA, A ESTAÇÃO..., 1935).

Outros elementos, como o sono dos hóspedes, o período em que deveriam tomar sol e mesmo sua alimentação eram constantemente retomados, todos eles amparados por diretrizes médicas relacionadas à cura dos pacientes:

Nos nossos hotéis a cozinha é feita de acordo com as **directrizes médicas**, abolindo os alimentos que se tornam **incompatíveis** com o uso das águas.

⁸Terapia realizada a partir dos preceitos da crenologia, definida na nota de rodapé 6.

As comidas salgadas, os **condimentos**, especiarias, pimenta, chocolate, vinhos, cervejas, licôres, etc. são absolutamente contraindicados nas moléstias que requerem o uso destas águas. (PROPAGANDA THERMAS DE LINDÓIA, s/d., grifos do autor).

De acordo com Medeiros e Soares (2017), as estâncias hidrominerais da época eram inúmeras vezes associadas aos discursos médicos que previam a natureza e seus elementos como fonte de regeneração do corpo, fadigado das experiências urbanas. Assim, quer seja no restaurante do hotel ou no momento de dormir, as diretrizes médicas procuravam indicar aos curistas a melhor forma de aproveitarem sua estadia.

As prescrições médico-científicas voltadas aos curistas impactavam, também, na escolha dos divertimentos, que se situavam em uma encruzilhada moral, conforme destacavam os médicos responsáveis pelas estâncias. A constatação era de que os divertimentos mundanos “atrapalhavam” o tratamento e, conseqüentemente, deveriam ser proibidos. Contudo, constatava-se, também que, estâncias termais próximas faziam fama e dinheiro com cassinos, bailes e jazz-bands, e tornavam-se famosas no Brasil exatamente por conta destes aspectos (MARRAS, 2004). Como conciliar o tratamento com os divertimentos, para que as estâncias não perdessem seu principal atributo, quer seja, o de serem um hiato de calma e saúde em meio à natureza, e ao mesmo tempo atrair mais turistas?

Na tentativa de solucionar este impasse entre o oferecido e o desejado pelos turistas, os médicos buscavam responsabilizar-se pelo oferecimento de variadas formas de divertimento disponíveis na cidade, a partir de um conjunto de preceitos e normas aparentemente simples. Tratava-se ali de estabelecer um controle dos excessos de qualquer natureza, de proibir bebidas alcoólicas e encerrar todas as atividades noturnas não muito tarde. Com essas medidas, acreditavam garantir aos curistas e turistas o pleno aproveitamento dos benefícios naturais das estâncias:

O hóspede de Lindoya não póde soffrer emoções, precisa dormir cedo e ter somno calma, para se levantar matutino com a estrella d'alva, e ir lá para baixo tomar os seus copos de água purificadora. O jogo, o vício, o jazz não entram em Lindoya. [...]. E Lindoya é, para nós, neste momento a única estancia nacional de cura, porque alli não ha vicio, alli não entra o alcool, alli tudo é sincronizado, o doente perde a sua personalidade e torna-se um escravo da agua mineral. (MOURÃO, 1938, p. 7).

Em Águas de Lindóia, o doutor Francisco Tozzi se incumbia de promover festas, piqueniques, bailes e outras diversões para seus hóspedes (CAMPOS E SILVA, 2005). Já em Serra Negra, os divertimentos se guiavam para o restabelecimento das energias em meio à natureza com visitas guiadas às fontes de água, divulgadas como os principais divertimentos possíveis na cidade (DALLARI, 1966).

É possível perceber o impasse gerado no interior das estâncias no que se refere a presença, ali, de divertimentos variados, mundanos, considerados necessários e mesmo procurados tanto por curistas como turistas. Efetivamente, o que parecia ser central era o combate aos excessos que, sem dúvida, impactavam o conjunto de minuciosas prescrições estabelecidas pelos médicos voltadas ao cotidiano dos hóspedes.

Assim, evocar os divertimentos nestas cidades implicava em evidenciar, antes de tudo, conselhos e prescrições médicas, produzidas com esmero de detalhamento cujo conteúdo era contrário ao que se denominava de práticas frívolas e mundanas. Os médicos responsáveis pelas estâncias desejavam preservar certa aura natural que emanava daquele lugar; desejavam, também, banir qualquer traço que pudesse interferir no clima de harmonia estabelecido entre os curistas e as águas:

A morbidez, o esfalfamento trazido do meio urbano, que tanto deveriam ser combatidos nestas estâncias, acompanhavam os divertimentos não permitidos ali, sendo assim a justificativa para esta exclusão: “Os jogos de azar, os bailes prolongados, as noites mal dormidas e toda a inobservância dos preceitos da vida metódica, condicionam o não aproveitamento da cura de clima e cria novos estados mórbidos” (BRANDÃO, 1937, p. 45).

Os médicos responsáveis pelas estâncias de Lindóia e Serra Negra envidavam todos os esforços para que elas fossem conhecidas exatamente pelo rigor no controle do conjunto das atividades, pelo estrito senso das curas, e não por divertimentos mundanos que estimulam excessos de toda ordem. Era a calma e a quietude que reinavam nestas cidades que deveriam atrair curistas e turistas, contraste flagrante com a atmosfera de outras estâncias, que promoviam os jogos de azar e o bulício próprio das cidades (LINDOYA, 1935).

De acordo com Campos e Silva (2005), Tozzi foi ferrenho opositor da instalação de cassinos na cidade de Lindóia, já que os jogos de aposta iam de

encontro a seu entendimento acerca dos usos das águas e do conjunto de práticas no interior da estância. Entretanto, com sua morte, as regras foram sendo paulatinamente afrouxadas, e cassinos se instalaram nas duas estâncias na década de 1930 (CAMPOS E SILVA, 2005).

Considerações finais

O pensamento científico em relação às estâncias hidrominerais, que teve sua grande expressão por meio de ideias e ideais medico-higienistas, procurava aproximar esses locais situados em meio a uma natureza exuberante, aos preceitos, conselhos e normas voltadas à regeneração dos corpos; as estâncias seriam, efetivamente, locais de cura reconhecidos pela comunidade científica. A ampla indicação dessas estâncias como destino de viagem por parte desse pensamento médico-científico evidenciava sua legitimidade e a grande maioria das propagandas voltadas à sua visitação tomava como base este pensamento, seus preceitos e valores.

Não seria menor, contudo, retomar aqui o lugar ocupado pelo turismo que, também, tomava essas localidades como destino, porém, com outros objetivos. Como exemplo podemos situar aqui os grandes cassinos da cidade de Poços de Caldas, ou os hotéis luxuosos e repletos de atrações existentes nas demais estâncias hidrominerais. João do Rio⁹ já destacava em suas crônicas o uso da cidade de Poços de Caldas como espaço de encontro do *grand-monde* paulistano e carioca. As estâncias de Lindóia e Serra Negra, ainda que de forma controversa, também tiveram a instalação de cassinos e outros lugares de divertimentos considerados “não sadios”.

Assim, é preciso enfatizar que, embora buscassem pelo status de locais de cura, essas estâncias conviveram com as contradições que permeavam as escolhas de turistas e curistas para os destinos de veraneio, situadas nos interstícios das curas e dos divertimentos. De certa forma, os médicos locais procuraram estabelecer uma relação harmoniosa da coexistência de ambos discursos que conviviam paralelamente. A principal forma de concilia-los foi a

⁹ O romance “A correspondência de uma estação de curas”, fora publicado por João do Rio no jornal *O País* de forma parcelada, para que depois se tornasse um volume único. Através de correspondências, o autor fala da fina sociedade frequentadora do balneário numa estação em 1917 (RIO, 1992).

tentativa, nem sempre exitosa, dos médicos responsáveis pelas estâncias, de se apropriar das práticas de divertimento e de redefini-las, inserindo-as em seu receituário.

Todo o esforço dos médicos e cientistas locais não impediu o grande declínio na visitação dessas estâncias com a finalidade das curas a partir da década de 1950. Inúmeros foram os motivos que podem ser associados a esse fato, inclusive o fechamento, em 1946, dos cassinos, por legislação do governo de Eurico Gaspar Dutra (MARRAS, 2004; MARRICHI, 2009). Essa proibição alterou, em grande medida, o panorama das estâncias que davam ao jogo um lugar privilegiado nas relações de divertimento dos turistas e curistas.

De acordo com Weisz (1990, 2001, 2002) uma queda na visitação de estâncias hidrominerais (spas) em diversos países ao redor do mundo se deu pela manutenção de relações estabelecidas estritamente com a economia e com o turismo, e pouco desenvolvimento de pesquisas na área científica. Afirma o autor que, além desse fator, o crescimento da alopatia, somado à queda da aceitação de tratamentos naturais no âmbito da ciência moderna, podem ser elementos que também levaram a um declínio das visitas às estâncias hidrominerais. Nos países em que um diálogo entre a cura pelas águas e os discursos médicos-científicos não foi bem estabelecido, como na Inglaterra e no próprio caso brasileiro, especialmente com o exemplo de Poços de Caldas, o declínio das visitas foi sentido de maneira muito mais abrupta. Há ainda um outro elemento que pode ser pensado a respeito dessas configurações: a moda dos banhos de mar. Porter (1995) afirma que, na Inglaterra, o aumento da visitação às praias também teve influências nas mudanças de destino dos turistas e curistas durante o período de férias e, no Brasil, estudos como o de Schossler (2013), além das constatações de Marrichi (2015) podem nos ajudar a notar a influência que essa nova prática teve no resultado das visitas às estâncias termiais.

O declínio na visitação das estâncias de Lindóia e Serra Negra, portanto, pode ser associado a distintos fatores. Tal redução de público estaria muito mais próxima de uma mudança cultural significativa, na qual se mesclavam a diminuição nas pesquisas a respeito das curas pelas águas, que se deu a nível mundial, um aumento na produção de medicamentos alopáticos que produziam o restabelecimento mais rápido das doenças, além a busca pelo litoral e certo fascínio que o mar e o ar marítimo despertavam. Talvez,

estaríamos mesmo diante de um declínio da “moda” das estâncias termais, cujo esplendor se deu no período aqui recortado.

Referências

A FONTE DE AGUAS THERMAES RADIO-ACTIVAS DE LYNDIOIA: Conferencia feita pelo dr. Francisco Tozzi na Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo. **Jornal a Nação**, São Paulo, 19 jul 1915, n. 47.

A SRA. CURIE em São Paulo. **Jornal Correio Paulistano**, São Paulo, 14 ago 1926.

ALMEIDA, S. V. As principais águas minerais do Brasil (histórico e indicações). In: Associação Paulista de Medicina, 1943, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Gráfica Cruzeiro do Sul, p. 1-77.

BOURROUL, C. **Águas radio-ativas de Lindoya**. Conferência realizada pelo Dr. Celestino Bourroul, na sociedade de medicina e cirurgia em 22 de abril de 1920. Mogy-Mirim: Casa Cardona, 1929.

BRANDÃO, M. S. Termoclimatimo social. In: I Congresso Brasileiro de hidroclimatismo, 1937, Poços de Caldas. **Anais...** p 31-45.

CAMPOS E SILVA, J. P. **Guia Histórico de Águas de Lindóia**. Campinas: Editora Átomo, 2005.

CORREIA NETTO, O. **As aguas thermaes brasileiras na pratica da hidrologia medica. Poços de Caldas**. s/e, 1916.

CREDÍDIO, B. As águas de Lindoya e as moléstias alérgicas. In: Annaes paulistas de medicina e cirurgia, 1948, São Paulo. **Anais...** p. 26-47.

DALBEN, A.; SOARES, C. L. Brincadeiras ao sol: a Colônia Marítima Infantil Álvaro Guião (Santos, 1939-1942). **Humanidades & Inovação**, v. 8, p. 94-110, 2021.

DALLARI, N. **Sob o céu azul da estância de Serra Negra**. Serra Negra: Editora Artes Gráficas “O Serrano”. 1966.

FRANCO, A. C. Os primeiros registros do uso de águas termais e a formação de estâncias hidrominerais no Brasil. **Caderno de Naturologia e Terapias Complementares**, v.3, n.5, 2014, p.29-40.

HASSE, M. **O divertimento do corpo: corpo, lazer e desporto na transição do séc. XIX para o XX, em Portugal**. Lisboa: Ed. Temática, 1999.

HELLMANN, F.; DRAGO, L.C. Termalismo e crenoterapia: potencialidades e desafios para a saúde coletiva no Brasil. **Journal of Management and Primary Health Care**, v.8, n.2, 2017, p. 309-321.

LIMA, G. T. N. O natural e o construído: a estação balneária de Araxá nos anos 1920-1940. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.26, n.51, 2006, p. 227-250.

LINDOYA: a estação climática que é um manancial de esperanças e de energias no embate do bem contra o mal. **A comarca**, Mogy-Mirim, 30 mai 1935, n.3769.

LOBO, J. B. Ocorrência de radiothoro nas Águas de Lindóia. Sociedade Brasileira de Bio-Física, 1936, Rio de Janeiro. **Anais...** 1936.

LOMBARDI, A. **Almanak de Serra Negra**. Serra Negra: Typographia D'O Serrano, 1913.

LOPES, R. S. Águas mineraes do Brasil. In: II Congresso Nacional de hidro climatismo, 1943, Poços de Caldas. **Anais...** p. 13-51.

MARRAS, S. **A propósito de águas virtuosas**: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 2004.

MARRICHI, J. M. O. **A cidade termal**: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 a 1931. Mestrado, IFCH – Unicamp, Campinas, Brasil, 2009. 157 p.

MARRICHI, J.M. **A cidade termal**: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 e 1931. São Paulo: Annablume, 2015. v. 1. 222p.

MATTOS FILHO, B. **Estações climatéricas de São Paulo** (Campos do Jordão, Prata, Lindoya, etc). São Paulo: Secretaria da agricultura, indústria e comercio do Estado de São Paulo, Diretoria de Publicidade, 1928.

MEDEIROS, D.C.C. **Entre esportes, divertimentos e competições**: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros (São Paulo, 1899-1949). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

MEDEIROS, D.C.C. **Viagens às estâncias hidrominerais de São Paulo**: cura, regeneração, divertimento e educação do corpo nas décadas de 1930 e 1940. 2016. 143p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2016.

MEDEIROS, D.C.C.; SOARES, C.L. Entre a cura e o divertimento: as viagens de férias junto à natureza em estâncias hidrominerais (1930-1940). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, p. 213-219, 2016.

MEDEIROS, D.C.C.; SOARES, C.L. Uma natureza que educa: as estâncias hidrominerais no estado de São Paulo (1930-1940). **Movimento**, v. 23, p. 949-962, 2017.

MONTENEGRO, N.R. **A cultura física e suas manifestações no litoral de Fortaleza (1925-1946)**: novos modos de se educar e de se divertir. Mestrado, FE - Unicamp, Campinas, Brasil, 2020.

MOURÃO, M. Lindoya e a epopeia de um centauro. **Jornal do commercio**, Poços de Caldas, 20 mar 1938.

MUSA, C.U.; MEDEIROS, D.C.C.; SOARES, C.L. 'Moços intrépidos ao leão da aventura?': O Clube Campineiro de Regatas e Natação e a vida ao ar livre (1918-1935). **Movimento**, v. 27, p. 1, 2021.

PORTER, R. Les Anglais et les loisirs. In : CORBIN, A. (org). **L'avènement des loisirs**, 1850-1960. Paris: Aubier, 1995, p. 25-69.

PORTER, R. The medical history of waters and spas. Introduction. **Medical Historial – Supplement**, v.10, 1990, p. VII-XII.

PROPAGANDA THERMAS DE LINDÓIA. Papeis avulsos. Águas de Lindóia: Arquivo Pessoal Professor Francisco Goulart, [s.n.t.].

QUINTELA, M. M. Saberes e práticas termiais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). **História, Ciências, Saúde: Manguinhos**, vol. 11 (suplemento 1), 2004, p.239-260.

QUINTELA, M.M. **Águas que curam, águas que “energizam”**: etnografia da prática terapêutica termal na sulfúrea (Portugal) e nas Caldas da Imperatriz (Brasil). Doutorado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2008.

RAUCH, A. Les vacances et la nature revisitée (1830-1939). In : CORBIN, A. (org). **L'avènement des loisirs**, 1850-1960. Paris: Aubier, 1995, p. 108-153.

RICHEZ, J.; STRAUSS, L. Un temps nouveau pour les ovries : les congés payés (1930-1960). In : CORBIN, A. (org). **L'avènement des loisirs**, 1850-1960. Paris: Aubier, 1995, p. 495-543.

RIO, João do. **A correspondência de uma estação da cura**. São Paulo: IMS/Scipione, 1992.

SANTOS FILHO, J. O turismo na era Vargas e o departamento de imprensa e propaganda – DIP. **CULTUR: Revista de cultura e turismo**, v. 2, n. 2, 2008, p. 102-115.

SÃO PAULO. Decreto Estadual n. 6501, de 19 jun 1934. Cria na divisão administrativa do Estado os municípios destinados a estâncias de tratamento ou de repouso, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, 20 jun. 1934.

SÃO PAULO. **Decreto Estadual n. 9731**, de 16 nov. 1938. Cria a estância hidromineral de Lindoya.

SCHOSSLER, J. **História do veraneio no Rio Grande do Sul**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

SIROST, O. **La vie au grand air** : aventures du corps et évasions vers la nature. Nancy, PUN, 2009.

SOARES, C. L. Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). In: SOARES, C.L. (org.) **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

VILLARET, S. **Histoire du naturisme en France depuis le siècle de Lumières**. Paris: Vuibert, 2005.

WEISZ, G. Le thermalisme en France au XX siècle. **Medicine/Sciences**, v. 18, jan, 2002, p. 101-108.

WEISZ, G. Water cures and science: the French academy of medicine and mineral waters in the nineteenth century. **Bulletin of the History of Medicine**, v. 64, n. 3, feb, 1990, p. 393-416.

WEISZ. G. Spas, Mineral Waters and Hydrological Science in Twentieth-Century France. **Isis**, v. 92, 2001, p. 451-483.